










DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v21i00.8674133>

Relato de Experiência

Práticas corporais de aventura na educação infantil: experiências docentes mediadas pelo Programa Residência Pedagógica

*Adventure body practices in child hood education:
Teacher experiences mediated by the Pedagogical Residency Program*

*Prácticas corporales de aventura em La educación infantil:
experiencias docentes mediadas por el Programa Residencia Pedagógica*

Paulo Cesar Goncalves Leonardo Filho¹ 
 Mariana Antunes Braz² 
 Jéssica Renata Figueiredo Barros³ 
 Caio Zacharias Pereira³ 
 Matheus Leite de Oliveira³ 
 Hellen Costa da Silva³ 
 Rodrigo Lema Del Rio Martins¹ 

RESUMO

Objetivo: relatar uma experiência pedagógica em educação física estruturada por cinco residentes, uma preceptora e um docente orientador do Programa Residência Pedagógica (PRP) em um Centro Municipal de Educação Infantil de Seropédica/RJ. **Metodologia:** trata-se de um relato de experiência, proveniente de cinco mediações pedagógicas tematizando ludicamente as Práticas Corporais de Aventura (PCAs) com crianças de três a seis anos de idade, entre os meses de maio e junho de 2023. **Resultados e discussão:** observou-se que as crianças possuem algumas referências sobre as PCAs e mostram-se interessadas em experienciar esse tipo de prática corporal. Para tanto, é necessário ouvir as suas falas e valorizar sua participação ativa para guiar o planejamento docente. **Considerações Finais:** a experiência evidenciou ser possível tematizar as PCAs em consonância com a perspectiva da Sociologia da Infância,

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Educação, Grupo de Pesquisa em Docência na Educação Física, Programa Residência Pedagógica, Seropédica-RJ, Brasil.

² Secretaria Municipal de Educação de Seropédica, Grupo de Pesquisa em Pedagogia de Educação Física e Esporte, Programa Residência Pedagógica, Seropédica-RJ, Brasil.

³ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Educação, Departamento de Educação Física e Desportos, Programa Residência Pedagógica, Seropédica-RJ, Brasil.

Correspondência:

Paulo Cesar Gonçalves Leonardo Filho. Grupo de Pesquisa em Docência na Educação Física (GPDEF), Rodovia BR-465, Km7, sala 10, Instituto de Educação, UFRRJ, Seropédica-RJ, CEP: 23897-000. Email: pauloleonardo21@ufrj.br

mostrando-se potente para promover o protagonismo infantil, contribuindo para o adensamento da formação inicial e continuada dos participantes vinculados ao PRP, em especial, na direção de compreender as peculiaridades que cercam o trabalho educativo com crianças pequenas.

Palavras-chave: Professores - Formação. Criança. Prática de ensino.

ABSTRACT

Objective: to report a Physical Education pedagogical experience structured by Five residents, one preceptor and one advisor professor of the Pedagogical Residency Program (PRP) at a Child hood Education City Center in Seropédica, RJ. **Methodology:** an experience report from Five pedagogical mediation using a playful approach to the Adventure Bodily Practices (ABPs) with children aged three to six, during the months of May and June, 2023. **Results and discussions:** it has been observed that children do possess some references on PCAs and show to be interested in experiencing that kind of bodily practice. Therefore, it becomes necessary to listen to the mand to value their active participation as a guide to teacher planning. **Final considerations:** this experience proves the possibility of the matizing PCAs in accordance with the Sociology of Child hood's perspective, which unfolds as an effective promoter for children's protagonism, contributing with the consolidation of the initial and continued training of the PRP participants, and especially going towards the comprehension of the peculiarities that surround the educational work with small children.

Keywords: Teachers - Training of. Child. Práctica docente.

RESUMEN

Objetivo: relatar una experiencia pedagógica em educación física estructurada por cinco residentes, una preceptora y un docente orientador del Programa Residencia Pedagógica (PRP) en un Centro Municipal de Educación Infantil de Seropédica/RJ. **Metodología:** se trata de un relato de experiencia, proveniente de cinco mediaciones pedagógicas tematizando lúdica mente lãs Prácticas Corporales de Aventura (PCAs), com niños de tres a seis años de edad, entre los meses de mayo y junio de 2023. **Resultados y discusión:** se observó que los niños tienen algunas referencias sobre las PCAs y muestran interés en experimentar este tipo de práctica corporal. Para ello, es necesario escuchar sus palabras y valorar su participación activa para guiar la planificación docente. **Consideraciones Finales:** esta experiencia evidenció que es posible tematizar las PCAs em consonância com la perspectiva de la Sociología de la Infancia, mostrando se potente para promover el protagonismo infantil, contribuyendo al fortalecimiento de la formación inicial y continua de los participantes vinculados al PRP, en especial, em la dirección de comprender las peculiaridades que rodean el trabajo educativo com niños pequeños.

Palabras Clave: Profesores - Formación. Niño. Student teaching.

INTRODUÇÃO

O Programa Residência Pedagógica (PRP) se insere na Política Nacional de Formação de Professores (BRASIL, 2019) e suas ideias vinham sendo discutidas no Brasil de diferentes maneiras. Inspirado na Residência Médica almejava a complementação da formação dos professores em serviço e sua ideia esteve atrelada a expressões como residência educacional, residência docente e imersão docente. Diferente da Residência Médica, o PRP acabou por se situar na formação inicial e não na especialização profissional após a graduação (Faria; Diniz-Pereira, 2019).

Entre os seus objetivos, está o de possibilitar aos estudantes da segunda metade dos cursos de licenciaturas a vivência da relação teoria e prática pela experiência docente em escolas pública da educação básica, enriquecendo a preparação para o magistério e, também, visando qualificar o ensino ofertado (Capes, 2023).

Segundo a Capes (2023), o PRP selecionou 230 Instituições de Ensino Superior (IES) no Edital n.º 24/2022 – que está em vigência –, ofertando 28.304 cotas de bolsas na primeira chamada dos projetos institucionais aprovados. Num esforço de reconstrução e fortalecimento do Programa, em março de 2023, ampliou-se as cotas de bolsas por meio de uma segunda chamada ao referido Edital, sendo adicionadas 5.625 bolsas, o que totaliza 33.929 distribuídas entre residentes (estudantes das licenciaturas), preceptores (professores das escolas públicas de educação básica), docentes orientadores (professores das licenciaturas nas IES) e coordenadores institucionais (docentes das IES).

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) está entre as IES participantes do PRP em ambas as chamadas para bolsas. Participam em 2023 do PRP-UFRRJ 406 residentes, 31 docentes orientadores, 69 preceptores e um coordenador institucional, inseridos em 30 escolas da educação básica da baixada fluminense. Na UFRRJ, o Programa é composto por 13 subprojetos, que abrangem 19 cursos de licenciaturas em dois *campi*.

O subprojeto de Educação Física (EF) é configurado por 25 residentes, cinco preceptores e dois docentes orientadores. O PRP/EF-UFRRJ se configura como um dos maiores subprojeto entre todos em vigência neste edital. Destacamos que uma das inserções do PRP/EF-UFRRJ é na Educação Infantil (EI), isso porque, trata-se de uma das etapas da educação básica que apresenta as maiores lacunas relacionadas à formação inicial e continuada no âmbito da EF (Martins, 2018).

Mapeamentos feitos em programas semelhantes ao PRP, como é o caso do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, mostra que a EI é a etapa da educação básica com menor incidência de subprojetos direcionados a adensar a formação de professores de EF, oferecendo a eles a oportunidade de

refletirem os desafios e experimentarem possibilidades de trabalhar pedagogicamente os elementos da cultura corporal de movimento com as crianças pequenas (Martins, 2015).

De acordo com Mello *et al.* (2020), a EI é uma etapa da educação básica muito singular e que se diferencia das demais, exigindo da EF (re)pensar as suas formas de atuação nesse contexto. Para Martins (2018), a ação pedagógica da EF na etapa da EI se vincula com a brincadeira e a ludicidade, considerando a possibilidade de abordar diferentes práticas corporais sem se desvincular da especificidade dessa etapa de ensino.

Compreendemos que as Práticas Corporais de Aventura (PCAs) na EI permitem, entre outras coisas, explorar a imaginação, experimentar novos movimentos, realizar observações e ter contato com diferentes equipamentos em busca de aprendizagens, desenvolvimento e socialização, aliada aos eixos norteadores e campos de experiências propostos em documentos da área (Francisco; Figueiredo; Duek, 2020). As PCAs, em certa medida, estimulam as emoções e propiciam experiências peculiares que envolvem a superação de limites desafiantes para as crianças e contribuem para o conhecimento e a experiência da corporeidade infantil (Francisco; Figueiredo; Duek, 2020).

Tematizar as PCAs na EI é importante tanto para a formação inicial dos licenciandos em EF quanto para as crianças que frequentam instituições escolares. Elas favorecem aos futuros professores se confrontarem com práticas corporais não hegemônicas que vem se difundindo nas ações docentes e currículos escolares nos últimos anos, bem como oportunizam às crianças brincarem e interagirem em um contexto que aguça as sensações e as emoções provenientes do risco controlado a que são submetidos, a execução sem a diferenciação de gênero, o desenvolvimento de habilidades motoras e a própria conscientização ambiental crítica (Pereira, 2019).

Embora haja pouca produção na literatura acerca das PCAs na EI, percebe-se que o interesse sobre essa temática vem aumentando e este estudo pode favorecer novos olhares e reflexões sobre a sua inserção. Assim, considerando as possibilidades, os desafios e a potencial contribuição das PCAs para a formação docente e para o desenvolvimento integral das crianças da EI, neste artigo, objetivamos relatar uma experiência pedagógica com essa temática estruturada por cinco residentes, uma preceptora e um docente orientador do PRP em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Seropédica/RJ.

MÉTODO

O presente trabalho é de abordagem qualitativa, de natureza descritiva e de caráter narrativo, ancorado nas contribuições de Mussi, Flores e Almeida

(2021) acerca dos procedimentos para a construção de relatos de experiências como gênero textual acadêmico. Trata-se, portanto, de uma produção de cunho científico cuja escrita é centrada na explanação de uma vivência acadêmica/profissional oriunda de uma intervenção consistente, analisada pela percepção dos próprios autores, a partir da relação do sujeito com o contexto em que o fenômeno acontece (Mussi; Flores; Almeida, 2021).

O relato foi produzido por cinco residentes, uma preceptora efetiva da rede municipal de Seropédica/RJ e o docente-orientador do subprojeto de EF do PRP-UFRRJ, focalizando o trato pedagógico das PCAs no CMEI, que atende crianças entre três e seis anos de idade (da Creche II ao Pré II) e é uma unidade parceira do PRP-UFRRJ.

O CMEI em que a experiência ocorreu conta com um pátio gramado na área externa, uma quadra poliesportiva coberta e um parquinho. Também tem um refeitório, seis salas de aulas climatizadas, dois banheiros, uma brinquedoteca, uma sala de professores e a secretaria escolar.



Figura 1 - Área externa do CMEI.

Foram planejadas, de maneira colaborativa entre os residentes, a preceptora e o docente-orientador, cinco mediações pedagógicas tematizando ludicamente as PCAs. Almejou-se proporcionar às crianças experiências com três modalidades de PCAs de forma adaptada aos espaços do CMEI, na seguinte ordem de apresentação: escalada, *parkour* e corrida de aventura. No último dia foi proposto um circuito contendo elementos de todas essas modalidades citadas.

Considerando as características das PCAs, foi necessário o controle de riscos na quadra poliesportiva e no pátio externo. Os recursos materiais utilizados foram os já disponíveis no CMEI e outros complementares construídos pela equipe do PRP (giz colorido, saco de rafia, peças retiradas do parquinho

infantil que se encontravam sem uso, tatame em EVA, bambolês, cones, túnel centopeia, escada de agilidade, *slackline*, TNT azul, cordas e impressões). Parte desse material o CMEI dispunha e outra parte nós providenciamos.

As mediações pedagógicas foram realizadas entre os meses de maio e junho de 2023, com doze turmas divididas entre os turnos matutinos e vespertinos. A avaliação se deu pela descrição feita das cenas observadas e por registros em imagens e vídeos que, posteriormente, a escola disponibilizou aos familiares.

No que concernem as questões éticas, ressaltamos que este trabalho dispensou aprovação em Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) para sua efetivação, levando em consideração que o foco residiu nas experiências (dados) provenientes dos próprios autores deste texto e não na produção de dados junto as crianças e/ou demais adultos do CMEI. Segundo a Resolução 510/2016, dispensa autorização de um CEP quando a investigação objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar os sujeitos. Salientamos que a direção da unidade educativa conta com autorização das famílias das crianças para o uso de imagens com fins acadêmicos. Tomamos o cuidado de preservar a identidade delas, omitindo seus nomes e seus rostos.

Os dados, provenientes das experiências de docência compartilhada entre professores em formação e em atuação, foram analisados à luz das contribuições da Sociologia da Infância trazidas por autores do campo da EF. Entendemos que esse campo de conhecimento representa um certo avanço para a EI em geral e, em específico, para as crianças, pois elas, nos contextos educacionais, têm as suas produções culturais e autorias reconhecidas (Martins, 2018). De forma complementar, dialogamos com produções de Dimitri Wuo Pereira, autor reconhecido pela discussão qualitativa que faz acerca das PCAs no âmbito escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As PCAs foram trabalhadas pedagogicamente com as crianças, buscando assumi-las como sujeitos de direitos, produtoras de cultura e protagonistas de seus processos de socialização (Mello *et al.*, 2020; Martins, 2018, 2015; Sarmiento, 2013). Como desafio para a efetivação de tais práticas, nos deparamos com a necessidade de adaptação de materiais, logística para transporte, tempo para montagem e desmontagem dos ambientes para as vivências das PCAs, bem como questões de segurança que só puderam ser viabilizadas devido ao número ampliado de adultos atuando nas mediações pedagógicas, que só foi propiciado pela característica de docência coletiva que o PRP carrega. Esses desafios também são relatados em pesquisas anteriores

sobre esse tema com foco na primeira etapa da educação básica, como nas publicações de Pereira (2019) e Augusto e Pereira (2019).

Iniciamos o trabalho mostrando imagens das modalidades de PCA como forma de apresentá-las para as crianças, utilizando a roda de conversa como estratégia. Falamos a respeito dos materiais/equipamentos e ambientes que caracterizam as PCAs, da cooperação, dos riscos e dos cuidados necessários consigo e com o outro para a realização das atividades propostas. Nesse diálogo, também buscamos saber delas o que já conheciam sobre “fazer aventuras” e descobrimos que elas tinham algumas referências sobre esse tipo de prática corporal. Mello *et al.* (2020) destaca a importância de reconhecermos os saberes que as crianças carregam e exercitarmos uma escuta sensível às suas falas, superando a postura *adultocêntrica* que costuma imperar nas relações entre professores e crianças na/da EI.

Reconhecer a bagagem cultura que as crianças carregam é um imperativo para a docência em geral e fundamental para a EI. Augusto e Pereira (2019, p. 27) asseguram que:

É importante ressaltar que a criança entra na Educação Infantil com conhecimentos e vivências que antecedem a sua alfabetização, com isto, ela já se comunica e a brincadeira e o jogo podem estimular a manifestar seu pensamento, seu sentimento e suas habilidades quando explora a novidade presente no universo da aventura, que é um ambiente com diversas manifestações de desafio, superação, descoberta do mundo.

No segundo momento, demonstramos corporalmente alguns movimentos específicos das modalidades e incentivamos as crianças a experienciarem as PCAs, fazendo junto com elas os gestos corporais. Mais do que dizer a elas como agir, agíamos com elas. Mello *et al.* (2020) ressalta que, na EI, o *fazer com* as crianças é fundamental para a qualidade das mediações pedagógicas da EF. Essa forma de interação do adulto com as crianças é recomendada, inclusive, por diferentes autores do campo da Sociologia da Infância (Mello *et al.*, 2020).

O terceiro momento se caracterizou pela roda de conversa com as crianças, sempre ao final de cada mediação pedagógica, para perguntar sobre o que acharam, o que mais gostaram, saber se tiveram alguma dificuldade e ouvi-las em relação as sugestões de como poderiam ser realizadas as PCAs, a partir das perspectivas delas, nas mediações seguintes. Seguindo as contribuições da Sociologia da Infância trazidas por Mello *et al.* (2020), concordamos que mais importante que dar voz às crianças é realmente dar ouvidos ao que elas têm a nos dizer. Como informa Sarmiento (2013, p. 14-15), é preciso compreender as infâncias “[...] a partir de sua própria realidade, a auscultação da voz da criança como entrada na significação de seus mundos de vida e a aceitação da criança como ser completo e competente [...]”.

BRINCANDO DE ESCALAR

Introduzimos a escalada com uma conversa sobre essa modalidade de PCA e usamos giz colorido e cones disponíveis na escola para propiciar a escalada horizontal. Com o giz desenhamos no chão caminhos/trilhas, estrelas, círculos e usamos os cones como obstáculos. Nesta atividade, as crianças tiveram que caminhar para frente em quatro apoios (usando mãos e pés) e propusemos que imaginassem uma escalada de verdade. Em certo momento, suas mãos deveriam alcançar as estrelinhas e os pés os círculos feitos no chão da quadra (Figura 2).

No fim da escalada inserimos uma adaptação do *skibunda* usando uma corda e um saco de rafia, já que no espaço não havia declives para deslizar. A ideia era simular a descida do ambiente em que elas subiram por meio da escalada. Sentado/a em um saco de rafia, a criança segurava a ponta de uma corda que estava amarrada na trave do gol pela outra extremidade e ao puxar a corda se aproximava da trave (Figura 2).



Figura 2 – Escalada horizontal adaptada e *skibunda*.

Na infância, a imaginação aparece com vigor e o professor precisa possibilitar experiências que articulem o faz-de-contas com a realidade concreta, favorecendo a compreensão por parte da criança no mundo em que se insere (Franco; Zandomínegue; Mello, 2022). Como afirma Pereira (2019, p. 25), a forma mais apropriada de desenvolver as PCAs na EI “[...] parece ser usando o jogo simbólico aliado às técnicas de aventura, que aumentam a segurança da prática”. Assim, proporcionamos a introdução de atividades de aventura pelo brincar, construindo cenários lúdicos, com intuito das crianças articularem entre o real e a fantasia, superando os desafios e criando autoconfiança.

Para a continuidade da escalada, rememoramos a mediação pedagógica anterior e contamos uma história sobre os personagens fictícios “Aninha” e

“Pedrinho”, visando instigar o imaginário das crianças. Foram detalhadas as aventuras dos personagens que precisavam escalar na natureza, superando os riscos de acidentes nesse ambiente em que os personagens se encontravam na história. As aventuras de Aninha e Pedrinho foram baseadas num cenário montado para que a mediação pedagógica ocorresse e, ao final da história, convidamos as crianças para se aventurarem como os personagens.

Essa forma de apresentar e promover vivências de escalada alinha-se a defesa de Franco, Zandomínegue e Mello (2022) acerca da importância do trabalho da EF na EI abranger outras linguagens para além da corporal. Para eles, articular a contação de histórias e a teatralização das práticas pedagógicas é uma estratégia didática potente para contemplar as subjetividades infantis, numa perspectiva de respeito às crianças como sujeitos de direitos.

Utilizamos cordas, *slackline*, giz e uma peça do parquinho para montar o cenário da escalada horizontal e vertical, adaptando-os no espaço da quadra poliesportiva. Na escalada horizontal desenhamos um caminho no chão como na aula anterior (Figura 2) e pegamos a peça do parquinho e a transformamos em uma ponte para andarem em quatro apoios sobre ela (Figura 3). Para a escalada vertical, montamos uma rede feita com corda na baliza da quadra e, como complemento da atividade, inserimos a *falsa baiana* (Figura 3).



Figura 3 – Escalada horizontal e vertical com falsa baiana.

Adaptar materiais para as PCAs é um fundamental, pois as escolas em geral, incluindo as unidades de EI, na maioria das vezes não contam com infraestrutura e elementos específicos para atividades de aventura (Pereira, 2019). Nem por isso, deve ser a ausência de materiais e infraestrutura específica um argumento para o professor não trabalhar essa prática corporal nas aulas de EF (Pereira, 2019).

De acordo com Souza e Silva (2013), a escalada é uma atividade que contém um certo risco, o que pode provocar emoções relacionadas com o receio, o medo e os desafios que precisam ser controlados a fim de possibilitar a sua introdução no contexto escolar. Durante as atividades, as crianças foram acompanhadas para minimizar os riscos de acidentes e notamos a aderência de todos às atividades propostas, o que demonstra o interesse das crianças pela escalada e a necessidade de se pensar essa temática nas aulas da EI.

As professoras generalistas também demonstraram interesse pelas atividades propostas e, durante o processo que envolveu a montagem e desmontagem dos materiais, os residentes e a professora preceptora foram abordados de forma a esclarecer dúvidas e curiosidades, bem como para receberem *feedbacks* positivos sobre as falas entusiasmadas que as crianças estavam proferindo dentro das suas respectivas salas após as mediações pedagógicas. Como afirmam Mello *et al.* (2018), é fundamental que a EF promova esse tipo de interação com os demais docente da EI, integrando cada vez mais os saberes-fazeres entre as áreas de conhecimentos presentes na dinâmica curricular da primeira etapa da educação básica.

Cada etapa das atividades de escalada contém movimentos de subir, descer e trepar que fazem parte do repertório motor das crianças da EI (Francisco; Figueiredo; Duek, 2020). A partir de uma observação atenta dos interesses das crianças, manifestadas por meio de suas falas e gestos (ora de resistência, ora de satisfação na realização das atividades propostas), fomos percebendo que a escalada vertical foi muito mais atrativa quando comparada à horizontal. A sinalização verbal e corporal das crianças é elemento central para guiar o (re)planejamento das atividades pedagógicas da EF na EI (LIMA; Martins; Oliveira, 2022).

Nessa atividade, algumas crianças pediram para realizá-las sem ajuda. Aceitar que as crianças são competentes para pensar e agir no contexto das práticas pedagógicas em EF na EI é reconhecer a necessidade de um planejamento mais flexível nessa etapa da educação básica, que avança em relação ao tradicional costume de definirmos objetivos fechados, metodologias rígidas e selecionarmos “conteúdos” pré-definidos sem levar em consideração os interesses das crianças. Na perspectiva da Sociologia da Infância, cabe ao docente com formação em EF que atua na EI pensar outras possibilidades de proporcionar vivências das manifestações da cultura corporal de movimento “[...] de modo a atender as especificidades e interesses das crianças” (Mello *et al.*, 2020, p. 334).

PARKOUR

O *parkour* é uma atividade que não demanda o uso de muitos materiais, podendo ser praticado com poucos ou quase nenhum, tendo na relação entre o ambiente e os praticantes, em junção ao movimento humano, os elementos

constitutivos para sua realização (Freire, 2016). Desse modo, o *parkour* se mostra como uma modalidade de PCA viável para ser tematizado nas instituições educativas da infância.

A nossa terceira mediação pedagógica abordou o *parkour*, iniciando com uma roda de conversa para captar, por meio do diálogo, a bagagem cultural das crianças e as suas compreensões sobre esse tema. Apresentamos alguns movimentos do *parkour* (Figura 4). Esse momento inicial foi importante para despertar o interesse das crianças em relação a esta prática corporal. A mediação pedagógica ocorreu na quadra poliesportiva e os materiais usados foram: tatame em EVA, cones, bambolês, giz e uma peça de escorrega retirada do parquinho.

A sequência das atividades pautou-se na realização de movimentos lúdicos com variação de saltos: saltar como sapo e depois saltar como canguru em cima de uma linha desenhada com giz. As crianças tinham oportunidade de mencionar, entre os animais que conheciam, quais desejavam imitar para que esses movimentos, que também são exigidos no *parkour*, pudessem ser vivenciados. Instigá-los a pronunciar os animais de preferência, correlacionando-os aos movimentos típicos do *parkour*, colabora para o protagonismo infantil, instigando nelas o sentimento de pertencimento e de valorização da sua presença e de sua interação nas mediações pedagógicas. Por esse ângulo, nossa ação extrapola o direcionamento total das atividades, abrindo margem para a participação autoral delas. Conforme afirma Mello *et al.* (2020, p. 329), essa postura é importante, pois:

[...] atribuem centralidade às crianças nos processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos com a Educação Infantil, valorizando o protagonismo infantil, as suas produções culturais e autorias. Partilhamos de uma concepção de infância que reconhece e valoriza as agências das crianças, considerando-as como atores sociais ativos em seus processos de socialização e desenvolvimento.

No diálogo com elas, definimos conjuntamente que o brinquedo de escorrega se configuraria como um obstáculo, no qual elas tinham que saltar usando as mãos como apoio (Figura 7). Em seguida, eram feitos deslocamentos laterais em marcações feitas com giz e, por último, o rolamento, que foi ensinado anteriormente. Em todo esse processo, os adultos davam suporte aos movimentos (Figura 4).

Algumas crianças relataram já saber a execução dos movimentos de *parkour*. Então, pedimos que mostrassem para todos e que nos ajudassem a ensinar esses gestos aos demais colegas da turma. Buscamos conciliar a vivência baseada no que as crianças estão partilhando com seus pares com a demonstração e realização dos movimentos de forma adequada, pois isso é importante para evitar acidentes oriundos da má execução dos mesmos.

Nesse sentido, nos posicionamos entre garantir segurança física na execução das ações corporais, sem configurar uma padronização do gesto motor das crianças, apostando na liberdade mediada de expressão dos seus movimentos já internalizados. Aliada a isso, nossa intenção também foi a de promoção do protagonismo infantil por meio da oportunidade em compartilharem as explicações e demonstrações no *parkour*.



Figura 4 – *Parkour*

Martins (2015) defende que as atividades corporais trabalhadas nas mediações pedagógicas da EF com crianças da EI precisam levar em consideração a segurança de sua realização, pois isso também é um direito que elas detêm, sem cercear a criatividade e a capacidade delas vivenciarem, aos seus modos, os movimentos específicos das diversas manifestações da cultura corporal de movimento. Para o autor, as crianças subvertem a lógica da “aula” planejada, configurando pistas interessantes para professores em formação e em atuação na EF refletirem sobre o papel da docência na EI, sobretudo, no que tange a sequência de atividades a ser proposta.

Segundo Freire (2016), o *parkour* é uma prática corporal que possibilita romper com o pensamento do corpo regrado/disciplinado e permite compreender o corpo através da produção de movimentos que expressam o nosso ser, modo de viver, de sentir e produzir significados. Sendo assim, consideramos interessante permitir que as crianças também apresentem outros caminhos para resolverem os desafios presentes nas atividades do *parkour* e das demais PCAs como um todo.

CORRIDA DE AVENTURA

A corrida de aventura envolve várias modalidades em meio à natureza e pode ser definida de acordo com as condições oferecidas pela região onde o trajeto é realizado, propondo-o de maneira criativa e atrativa aos seus

participantes (Nascimento; Moura, 2017). Em nossa quarta mediação pedagógica, montamos um circuito de corrida de aventura (com obstáculos) de forma lúdica. Para a implantação dessa modalidade de PCA, assim como no caso da escalada, adotamos a estratégia de contar uma história sobre o filme *Jumanji: Bem-vindo à selva*, lançado em 2017, e a partir desse diálogo, as crianças tinham que imaginar que entravam em um jogo para cumprir a corrida de aventura.

As atividades propostas no contexto das aulas exploraram a coordenação dos membros superiores e inferiores para manter o equilíbrio e a agilidade na realização dos desafios. Atividades como saltos para passar por obstáculos, passagem por túneis e cama de gato estavam presentes na corrida de aventura e, além da quadra poliesportiva, usamos o pátio da escola que é gramado. O pátio oportunizou que as crianças se sentissem mais livres em contato com a natureza e contribuiu para uma maior visibilidade das atividades, despertando a curiosidade e interesse das professoras generalistas pela temática.

Trabalhar na perspectiva da Sociologia da Infância, em que se valoriza os aspectos socioculturais das crianças, considerando-as sujeitos de direitos, produtoras de cultura e protagonistas dos seus processos de socialização (Martins, 2018), tem se mostrado desafiador na EI, devido a tendência de ser negar a importância do aspecto motor nas atividades propostas por professores de EF, pautada em uma leitura enviesada da tensão entre as concepções biologicistas e cultural (Ewald; Martins; Mello, 2020). Em sentido contrário, Ewald, Martins e Mello (2020, p. 14) entendem ser possível:

[...]reaproximar natureza e cultura, contribuindo, dessa forma, para consolidação de abordagens pedagógicas da Educação Física com a Educação Infantil que contemplem as crianças em sua complexidade biopsicossocial e a dinâmica curricular presente nessa primeira etapa da Educação Básica no Brasil.

Para realizar as atividades dispúnhamos de uma escada de agilidade, bambolês, peças do parquinho infantil, tatame de EVA, cadeiras, cordas e túnel centopeia. Foram realizadas oito etapas, começando pelo pátio onde estavam posicionados a escada de agilidade (para saltar com os pés juntos), bambolês (para o deslocamento lateral) e duas peças do parquinho que serviam de obstáculos para passar por cima e saltar, respectivamente (Figura 5). Mais adiante, adentrando na quadra poliesportiva, as crianças tinham que rastejar no chão, por baixo dos tatames de EVA (posicionados em cima das cadeiras), passar pela cama de gato (montada com cordas), correr deslizando um bambolê pela corda, atravessar o túnel centopeia e gritar "JUMANJI" ao sair, para indicar "fim de jogo".



Figura 5 – Corrida de aventura com obstáculos.

Ao fim da mediação pedagógica com corrida de aventura, fizemos uma roda de conversa com a intenção de compreender como as crianças estavam se sentindo e se apropriando das modalidades trabalhadas no âmbito das PCAs. Conforme iam relatando suas impressões e desejos, fomos registrando qual(is) das modalidades de PCAs foram mais marcantes e que elas manifestavam que gostariam de experimentar novamente.

Conectados com o conceito de *experiência* trazido por Bondía (2002), entendemos que se trata de um acontecimento que nos toca, nos deixa marcas, para além de simplesmente ter acontecido em um espaço-tempo do nosso cotidiano. É algo mais profundo que internalizamos como aprendizagem e que permite atribuímos sentido ao mundo. Portanto, considerar o modo como nossas mediações pedagógicas afetaram as crianças e produziram marcas afetivas na memória foi um elemento definidor para a proposição de uma nova mediação, revivendo as atividades que escolhessem.

Para Corsino (2007, p. 58), conhecer as crianças, o que pensam acerca do mundo e seus desejos implica uma sensibilidade de tal ordem, que exige um movimento de observação e questionamento necessário para:

[...] articular o que as crianças sabem com os objetivos das diferentes áreas do currículo. Implica também, uma organização pedagógica flexível, aberta ao novo e ao imprevisível; pois não há como ouvir crianças e considerar as suas falas, interesses e produções sem alterar a ordem inicial do trabalho, sem torná-lo uma via de mão dupla onde trocas mútuas sejam capazes de promover ampliações, provocar saltos dos conhecimentos.

Com essa iniciativa de auscultar as afetações infantis e garantir que suas demandas fossem efetivadas em outras mediações, na roda de conversa final, as crianças se mostraram empolgadas em experimentar novamente todas as modalidades de PCAs vivenciadas nas mediações pedagógicas anteriores. Por

essa razão, resolvemos juntar todas elas em um circuito que integrou a escalada, o *parkour* e a corrida de aventura.

CIRCUITO

A quinta mediação pedagógica foi pensada em um circuito como encerramento das mediações pedagógicas sobre as PCAs, buscando experienciar novamente todas as modalidades que foram vivenciadas anteriormente (escalada, *parkour* e corrida de aventura), conforme mostram as Figuras 6 e 7:



Figura 6 – Elementos da corrida de aventura, *parkour* e escalada horizontal.



Figura 7 – Elementos do *parkour*, escalada vertical e falsa baiana.

Percebemos nas falas e nos gestos corporais delas que elas apresentaram um maior domínio motor sobre as atividades, necessitando de menor suporte dos adultos para a realização e para oferecer segurança na execução. Assim sendo, elas ficaram mais livres para deixarem fluir seus sentimentos, suas preferências, suas dificuldades etc. Essa nossa percepção converge com os

achados na pesquisa de Pereira (2019, p. 24), que afirma ser uma das valiosas vantagens de se trabalhar as PCAs com crianças pequenas a oportunidade de gerar autonomia, pois representa “[...] um avanço no autocontrole, na autoestima e na coragem, que são fatores essenciais para o desenvolvimento pleno da infância”.

Aprendemos, lastreados pela experiência concreta e pelos estudos no campo da EF que têm se apropriado das contribuições teóricas da Sociologia da Infância a importância de valorizar o que as crianças pensam, dizem e manifestam corporalmente acerca do modo como as manifestações da cultura corporal de movimento no contexto das instituições educativas são recebidas por elas e as afetam (Mello *et al.*, 2020). Igualmente, inspirados em relatos de experiências anteriores sobre PCAs (Pereira, 2019; Augusto; Pereira, 2019), compreendemos que *parkour*, o *slackline* e a escalada são muito pertinentes para a Educação Infantil, e podem ser apresentados em separado ou combinados na forma de circuitos.

Esse circuito significou um encerramento das atividades de PCAs que buscaram promover as interações entre eles e deles conosco e o protagonismo infantil, materializado pelo fomento a autoria das crianças na escolha e na realização das práticas pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência obtido por meio das mediações pedagógicas estruturadas em cinco semanas evidenciou ser possível tematizar as PCAs em consonância com a perspectiva da Sociologia da Infância.

As PCAs, embora não conste na Base Nacional Comum Curricular para a EI, se mostrou uma prática corporal potente para valorizar as vozes das crianças e o protagonismo infantil, fato que colaborou com o adensamento da formação inicial e continuada dos professores (em formação e em atuação) vinculados ao PRP de EF da UFRRJ. Por essa razão, questionamos os limites que documentos dessa natureza possuem ao tentar prescrever currículos para as diversas etapas da educação básica, cerceando a capacidade dos professores em construir práticas pedagógicas consistentes e que fazem sentido/significado para as crianças nos mais variados contextos sociais/locais.

O trabalho com PCAs na EI permitiu, como aprendizagem docente, reconhecer as potencialidades das crianças na construção da sua aprendizagem e desenvolvimento e despertou o interesse das professoras generalistas pelas atividades, o que nos leva a pensar na potencialidade desta temática para um planejamento integrado entre os docentes da unidade escolar.

Percebemos que as crianças possuem noções acerca das PCAs e interesse em experienciar esse tipo de atividade. Por esse ângulo, nossa intencionalidade didática buscou dar ressonâncias às vozes das crianças nas mediações pedagógicas, valorizando a participação delas na (re)construção e na execução do planejamento.

Encontramos dificuldades operacionais para materialização do que foi planejado a adaptação de materiais para a realização das modalidades de PCAs e questões de tempo curto e de logística para a montagem desses materiais de modo que as crianças pudessem vivenciar dentro dos momentos destinados para a EF na rotina escolar. Frisamos, também, que a segurança para a realização dessas atividades só foi possível pelo fato de estarmos em um maior número de adultos conduzindo as mediações pedagógicas. Numa situação tradicional, um único professor para introduzir as PCAs na EI, precisará, obrigatoriamente, vencer também o desafio de garantir que essas práticas não causem riscos à integridade física das crianças.

FINANCIAMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio da concessão de bolsas – Código de Financiamento 001.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autoria, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Paulo Cesar Goncalves Leonardo Filho - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e

levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Mariana Antunes Braz - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Jéssica Renata Figueiredo Barros - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Caio Zacharias Pereira - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito).

Matheus Leite de Oliveira - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos).

Hellen Costa da Silva - - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados).

Rodrigo Lema Del Rio Martins - Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Alexandre; PEREIRA, Dimitri Wuo. Uma aventura pelo universo da fantasia das crianças. *In*: PEREIRA, Dimitri Wuo (Org.). Pedagogia da aventura na escola: proposições para a base nacional comum curricular. Várzea Paulista: Fontoura, 2019. p. 27-38.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jun. 2023.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Portaria GAB n.º 259, de 17 de dezembro de 2019. *Dispõe sobre o regulamento do Programa de Residência Pedagógica e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)*. Brasília: CAPES, 2019.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES. *Formação de professores receberá mais 31 mil bolsas*. CAPES, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/formacao-de-professores-recebera-mais-31-mil-bolsas>. Acesso em: 26 jun. 2023.

CORSINO, Patrícia. As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento. In: BEAUCHAMO, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Org.). *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão*. Brasília: Ministério da Educação, 2007. p. 57-68.

EWALD, Anne Schneider; MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio; MELLO, André da Silva. Interfaces entre a sociologia da infância e comportamento-motor: o elo, humano, a natureza e a cultura. *Research, Society And Development*, v. 9, n. 7, 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200528082904/https://rsd.unifei.edu.br/index.php/rsd/article/download/4202/3271>. Acesso em: 26 jun. 2023.

FARIA, Juliana Batista; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Residência pedagógica: afinal, o que é isso? *Revista de Educação Pública*, v. 28, n. 68, p. 333-356, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/8393/5630>. Acesso em: 26 jun. 2023.

FRANCISCO, Felipe Botelho; FIGUEIREDO, Juliana de Paula; DUEK, Viviane Preichardt. Práticas corporais de aventura nas dimensões do conteúdo: experiência na educação física infantil. *Revista Práxis Educacional*, v. 16, n. 37, p. 508-524, Edição Especial, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/4755/4717>. Acesso em: 26 jun. 2023.

FRANCO, Fernanda Mendes; ZANDOMÍNEGUE, Bethânia Alves Costa; MELLO, André da Silva. O teatro e a contação de histórias na Educação Infantil: análise da produção da pós-graduação em Educação Física. *Research, Society and Development*, v. 11, e241111133343, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/33343/28392/376379>. Acesso em: 26 jun. 2023.

FREIRE, Érika Janaina Santiago Moreira. *Le parkour e educação física: uma prática corporal da cultura de movimento para crianças*. Anais III CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2016.

LIMA, Jeferson da Silva; MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio; OLIVEIRA, Victor José Machado. O planejamento da educação física com a educação infantil na perspectiva da sociologia da infância. *Zero-a-seis*, v. 24, n. 45, p. 379-402, jan/jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/82234/48550>. Acesso em: 26 jun. 2023.

MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio. *O lugar da Educação Física na Educação Infantil*. 2018. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio. *O Pibid e a formação docente em Educação Física para a Educação Infantil*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2015.

MELLO, André da Silva; MARCHIORI, Alexandre Freitas; BOLZAN, Érica; KLIPPEL, Marcos Vinicius; ROCHA, Maria Celeste; MAZZEI, Victor Reis. Por uma perspectiva pedagógica para a educação física com a educação infantil. *Humanidades & Inovação*, v. 7, n. 10, p. 326-342, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2868>. Acesso em: 26 jun. 2023.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a Elaboração de Relato de Experiência como Conhecimento Científico. *Revista Práxis Educacional*, v. 17, n. 48, p. 60-77, out/dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010/6134>. Acesso em: 26 jun. 2023.

NASCIMENTO, Marcelo de Maio; MOURA, Fernando Alcantara Vieira de. Corrida de aventura: uma ação de extensão na graduação em Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco-Pe. *Revista Conexão UEPG*, v. 13, n. 2, p. 214-227, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5141/514154371002.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2023.

PEREIRA, Dimitri Wuo. Aventura na Educação Infantil, vamos ampliar a BNCC? In: PEREIRA, Dimitri Wuo (Org.). *Pedagogia da aventura na escola: proposições para a base nacional comum curricular*. Várzea Paulista: Fontoura, 2019. p. 17-26.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: ENS, Romilda Teodora; GARANHANI, Marynelma Camargo (Org.). *A sociologia da infância e a formação de professores*. Curitiba: Champagnat, 2013.

SILVEIRA, Juliano. Educação Física, Educação Infantil e BNCC: refletindo sobre possíveis expectativas curriculares. *Revista Pensar a Prática*, v. 25, e69017. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/69017/38369>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SOUZA, Fabrício Amaral de; SILVA, Paula Cristina da Costa. A escalada nas aulas de Educação Física escolar no ensino médio. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 4, n. 2, p. 44-54, set. 2013. Disponível em: <http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/viewFile/1854/968>. Acesso em: 26 jun. 2023.

Recebido em: 29 jul. 2023
Aprovado em: 10 nov. 2023

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

